



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA  
LICENCIATURA INTEGRADA EM CIÊNCIAS, MATEMÁTICA E LINGUAGENS.

**ELUANE CHRISTINE DE BARROS GOMES**

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO  
DESENVOLVIMENTO DE ALUNOS COM DIFICULDADE DE  
APRENDIZAGEM**

BELÉM PA

2019

**ELUANE CHRISTINE DE BARROS GOMES**

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO  
DESENVOLVIMENTO DE ALUNOS COM DIFICULDADE DE  
APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciada pelo curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens pela Universidade Federal do Pará.

Orientador(a): Profa. Dra. Maria de Fátima Vilhena da Silva

BELÉM/PA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

G633e Gomes, Eluane Christine de Barros  
Educação inclusiva e a participação da família no desenvolvimento de alunos com dificuldade de aprendizagem. / Eluane Christine de Barros Gomes. — 2019. xxxi, 31 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria de Fátima Vilhena da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemáticas e Linguagens, Instituto de Educação Matemática e Científica, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

1. Estudo de caso. 2. Dislexia. 3. Atendimento Educacional Especializado. 4. Escola . I. Título.

CDD 371.952

ELUANE CHRISTINE DE BARROS GOMES

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO  
DESENVOLVIMENTO DE ALUNOS COM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens pela Universidade Federal do Pará como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciada.

**BANCA EXAMINADORA**

Profª Dra. Maria de Fátima Vilhena da Silva  
Orientadora – Universidade Federal do Pará

Profª Drª Elinete Oliveira Raposo  
Membro Interno – IEMCI- Universidade Federal do Pará

Profª Espec. Vera Débora Maciel Vilhena  
Membro Externo – PPGEDOC- Universidade Federal do Pará

# **EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DE ALUNOS COM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso devidamente corrigida e defendida por **ELUANE CHRISTINE DE BARROS GOMES** e aprovada pela Banca Examinadora.

Belém, 15 de janeiro de 2020.

A handwritten signature in purple ink, appearing to read 'M. F. Vilhena', with a long horizontal stroke extending to the right.

Profa . Dra . Maria de Fatima Vilhena da Silva (Orientadora)

Texto Final apresentado ao Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado(a) em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus por Sua infinita graça, sendo meu socorro bem presente nos dias maus, me fazendo compreender que tudo está no Seu controle.

Aos meus pais, Elaine Amaral de Barros e Lucivaldo Benício Gomes, que sempre me incentivaram e investiram na minha formação acadêmica.

Ao meu noivo, Davi Miranda Costa, e sua família, por todo incentivo e suporte nas horas de desânimo e cansaço.

Aos meus líderes da IBMA Canudos, Fernanda e Moacir Monteiro, pelas orações e compreensão, nos momentos em que precisei me ausentar.

Aos meus amigos que sempre se alegraram com minhas conquistas e estenderam as mãos para que ajudar quando necessário.

Aos meu colegas de classe (vespertino 2016), em especial a Bruna Dominguez, Eny Tayná, Juliana Soares, Joyce Magno e Odinéia Barbosa que sempre tiveram dispostas a colaborar nos momentos de dúvidas.

À Universidade Federal do Pará, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela de um horizonte superior que hoje posso vislumbrar.

À minha querida e sábia orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr. Maria de Fátima Vilhena da Silva, pelo incentivo aos estudos sobre inclusão, o suporte e orientações que me possibilitaram chegar até aqui.

Por fim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu mais sincero obrigado.

# EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DE ALUNOS COM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

ELUANE CHRISTINE DE BARROS GOMES

## RESUMO

A família e a escola são bases propulsoras do desenvolvimento do aluno, ambas precisam reconhecer isso para que possam ajudar o aluno sua escolarização. Neste artigo é discutido a importância das duas instituições, tendo como problema de pesquisa verificar quais as implicações da família no processo de aprendizagem do aluno. Diante disso, traz como principal objetivo compreender a influência da participação da família no processo de aprendizagem de aluno com dificuldade de aprendizagem e os objetivos específicos são: identificar o nível de acolhimento da escola ao aluno com dificuldade de aprendizagem, e comparar o resultado da participação da família, na escola no desenvolvimento da aprendizagem. A metodologia utilizada na pesquisa foi o estudo de caso de dois alunos (A e B) com dificuldades de aprendizagem do 3º ano do ensino fundamental, de uma escola estadual localizada no bairro do Guamá em Belém-Pará. Foi desenvolvido um estudo teórico para melhor análise do problema enfrentado pelos sujeitos da pesquisa. Os resultados descritivo-analíticos mostram a situação dos alunos levando em conta os contextos familiar e educacional. Nas comparações entre os alunos A e B, as suas dificuldades na escrita e na compreensão de textos foram notadas pelas observações e análises de suas atividades, e até mesmo em seus comportamentos interpessoais. O aluno que recebeu maior atenção da família e atendimento especializado apresentava melhor desempenho e motivação para resolver suas dificuldades de aprendizagem, ao contrário do aluno que dependia somente das tarefas em sala de aula e da atenção do Atendimento Educacional Especializado (AEE) da escola o qual manifestava-se desmotivado e muitas vezes ausente do ambiente escolar. Consideramos que quanto mais acontece a participação da família e o atendimento de profissionais especializados tanto maior o interesse do aluno e melhor desenvolvimento na aprendizagem do mesmo. Portanto, entende-se que essa pesquisa é de grande relevância para novos estudos e para minha formação acadêmica e profissional.

**Palavras-chave:** Estudo de caso. Dislexia. Escola. Atendimento Educacional Especializado.

## **INCLUSIVE EDUCATION AND FAMILY PARTICIPATION IN DEVELOPING LEARNING DIFFICULTY STUDENTS**

The family and the school are thrusters bases to the development of student, both of them need to recognize this to help the schooling of student. This article discusses the importance of the two institutions, having as research problem to verify which the implications of family in the learning student process. Therefore, the main objective of this article is to understand the influence of family participation in the learning process of students with learning disabilities and the specific objectives are: To identify the level reception of school with the student with learning disabilities and to compare the result of the participation of the family in the school in the development of the learning. The methodology used in this research was the case study of two students (A and B) with learning disabilities in the 3rd grade of elementary school, from a state school located in the neighborhood of Guamá in Belém-Pará. A theoretical study was developed to an better analyze the problem faced by the research subjects. The descriptive-analytical results show the situation of the students taking into account the family and educational contexts. In comparisons between students A and B, their difficulties in writing and comprehension of texts were noted by observations and analyzes of their activities, and even in their interpersonal behaviors. The student who received the most attention from the family and the specialized attendance showed better performance and motivation to solve their learning difficulties, unlike the student who depended only on classroom tasks and the attention of the school's Specialized Educational Attendance. He was unmotivated and often absent from the school environment. We consider that the more family participation and the attendance of specialized professionals, the greater the student's interest and better development in their learning. Therefore, it is understood that this research is of great relevance for further studies and for my academic and professional education.

**Keywords:** Case Study. Dyslexia. Learning. School and family.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. A IMPORTÂNCIA DA ATENÇÃO ESPECIAL DA ESCOLA E DA FAMÍLIA .....</b>	<b>11</b>
<b>3. O SIGNIFICADO DE DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM.....</b>	<b>15</b>
3.1. Introdução.....	15
3.2. Dislexia.....	16
<b>4. METODOLOGIA DO TRABALHO .....</b>	<b>18</b>
Sobre o Contexto familiar dos alunos .....	19
Características dos sujeitos da pesquisa .....	20
<b>5. ANÁLISES DOS RESULTADOS NO CONTEXTO EDUCACIONAL .....</b>	<b>21</b>
5.1 Observações dos sujeitos da pesquisa .....	21
5.2. A experiência de regência docente .....	22
5.3 Análise sobre a relação família e escola .....	25
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>28</b>
<b>7. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>30</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Atualmente, o olhar sobre as pessoas com deficiências tem sido bastante diferente do que já foi nas sociedades antigas. As leis voltadas para este assunto asseguram a condição de igualdade, a realização dos direitos e da liberdade das pessoas com deficiência, visando sua inclusão. Dentro dos direitos fundamentais da lei brasileira sobre inclusão (BRASIL, 2015), o direito à educação é dever do estado, da escola, da sociedade e da família.

Para assegurar a formação do aluno com deficiência conta-se com agentes principais que são a escola e a família. Nesse caso temos eles como instituições fundamentais que atuam nos processos evolutivos dessas pessoas, incentivando ou inibindo-as, para os avanços do seu desenvolvimento (DESSEN; POLONIA, 2005).

Embora esse processo seja movido por uma parceria entre aluno, família e escola, sabemos que, mesmo tendo poucas instituições dispostas a promover um atendimento educacional especializado, há famílias que se recusam a participar desse processo, por não aceitação das condições do seu filho, pela dificuldade de locomoção ou apenas descaso. No entanto, é um fato que durante todo o processo de crescimento da pessoa, os pais estarão à frente das decisões, logo as escolhas de profissionais serão realizadas pelos mesmo caso tenham interesse. (PANIAGUA et al.,2004)

Mas, nem todos os alunos com necessidade de atendimento especializado possuem o apoio dos pais, logo, essa lacuna pode influenciar no processo de aprendizagem. Sendo assim, foi formulada a seguinte pergunta de pesquisa: quais as implicações da participação da família no processo de aprendizagem do aluno com deficiência?

Este estudo deu início a partir do eixo temático Compreensão e explicação dos processos de desenvolvimento e da aprendizagem II e Estágio supervisionado I, do curso de Licenciatura Integrada ministrados pela professora Dr. Maria de Fátima Vilhena da Silva, em que os discentes graduandos foram observar e acompanhar turmas dos anos iniciais, e observar com maior rigor alunos que apresentavam

dificuldade de aprendizagem, síndromes ou TGD (transtorno global do desenvolvimento).

Portanto, este trabalho se faz importante para que haja o despertar da escola e da família, haja vista que são os propulsores para o desenvolvimento de qualquer criança, seja com dificuldades de aprendizagem ou não. E para isso temos como objetivo principal compreender a influência da participação da família no processo de aprendizagem de aluno com dificuldade de aprendizagem. Como objetivos específicos temos os seguintes: identificar o nível de acolhimento da escola ao aluno com dificuldade de aprendizagem; comparar a participação da família na escola de dois alunos com dificuldade de aprendizagem.

## **2. A IMPORTÂNCIA DA ATENÇÃO ESPECIAL DA ESCOLA E DA FAMÍLIA**

Depois de muito tempo, os alunos com necessidades educativas especiais têm ganhado espaço na sociedade como um todo. Por meio de leis, hoje eles têm direitos que os possibilitam ser vistos como pessoas capazes de viver em sociedade, sem que sejam excluídos. Porém, apesar de ser um direito, essa realidade ainda não é totalmente vivenciada, pois ainda encontramos várias escolas que não estão preparadas para receber esse aluno. Para Glat e Fernandes (2005) compartilham das defesas Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial (MEC-SEESP, 1998): “Inclusão não significa, simplesmente, matricular os educandos com necessidades especiais na classe comum, ignorando suas necessidades específicas, mas significa dar ao professor e à escola o suporte necessário à sua ação pedagógica”.

Apesar disso, ainda temos escolas com sala disponível para o Atendimento educacional especializado (AEE), e também funcionam como salas de recursos multifuncionais, com poucos recursos para prestar o serviço à educação especial. Em geral, o processo de atenção especial segue a regra de os professores regentes identificar a necessidade do aluno na sala de aula, informar aos especialistas do AEE e, estes elaboram recursos pedagógicos que visam eliminar as barreiras para a participação do aluno. Nesse espaço o objetivo é complementar a formação do aluno que apresente alguma deficiência, possibilitando autonomia dentro e fora da escola e, o professor deveria compartilhar desse mesmo processo sem deixar tão somente por conta do AEE o atendimento ao aluno com deficiência ou com transtorno ou com altas habilidades.

Para o MEC “o AEE deve se articular com a proposta da escola comum, embora suas atividades se diferenciem das realizadas em salas de aula de ensino comum” (SEESP/MEC; 01/2008). Esse atendimento traz um suporte para que o aluno consiga se desenvolver mesmo com suas limitações, e proporciona ao aluno o acesso a Tecnologias Assistivas (TA). Nas salas multifuncionais são atendidos alunos que possuem deficiência física, mental e sensorial e alunos com transtornos em geral. Os profissionais que atuam nas salas do AEE precisam ter formação específica, tais como: Braille, Libras, TA, etc.

Embora haja esse suporte na escola para impulsionar o desenvolvimento desses alunos, nem todos os pais se sentem responsáveis ou estão dispostos a procurar esse atendimento, pois, em alguns casos, os pais se veem em choque com a realidade do seu filho. Mas, “a família e a escola [...] são fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsores ou inibidores do desenvolvimento (POLONIA e DESSEN, 2005). As autoras também acrescentam:

Como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva. (DESSEN; POLÔNIA, 2007, p.2)

De acordo com autores Seligman, (1979); Hornby, (1995), citados por Coll et al. (2004) há um modelo de adaptação em que se descreve uma sequência de reações que ocorrem com alguns pais, essas são:

**1ª – Fase de choque:** quando a família recebe a informação de que o filho tem uma deficiência, é criado um bloqueio onde pode vir a impedir a compreensão de novas informações. Este choque pode durar alguns minutos ou se estender a alguns dias, ou mais que isso, porém quando já há uma suspeita por parte da família esse choque é mais leve;

**2ª - Fase da negação:** É o momento em que os pais passam por uma perturbação e desorientação inicial; buscam esquecer ou ignorar a situação, questionam se o diagnóstico foi preciso, ou se houve um erro;

**3ª - Fase de reação:** Nessa fase os pais passam por períodos de vários sentimentos e emoções como irritação, culpa e depressão;

**4ª Fase de adaptação e de orientação:** Aqui os pais já se encontram mais estabilizados e é onde pensam nas necessidades dos filhos e de como ajudá-los. Cada fase é um período de amadurecimento dos pais em relação à realidade do seu filho, e esse amadurecimento é fundamental para que os pais busquem meios de proporcionar a educação de forma adaptada às necessidades.

Normalmente, os pais passam por essa fase no período em que os filhos ingressam na escola, pois as diferenças podem ser notadas ou serem visíveis com relação aos outros alunos. Panigua (2005) diz que nos primeiros anos de escolarização os pais só reconhecem a deficiência de seu filho ao compará-lo com os seus colegas e assim podem vir a pensar que seria melhor estudar numa escola especializada.

Na escola, normalmente a primeira pessoa a perceber a deficiência é a professora, que tem o mesmo contato com muitos alunos em sua experiência de sala de aula, e pode, com mais clareza, distinguir os comportamentos. Porém, como dito por Panigua (2005), os próprios pais também conseguem fazer essa distinção, mas boa parte deles precisam passar por todas as fases de aceitação.

Uma das formas de aproximar os pais às realidades dos alunos é o acompanhamento da escolarização e a participação na produção de materiais voltados à especificamente para atender as necessidades especiais e também ter informação de diversos assuntos que estão presentes na educação escolar tais como: as deficiências, os transtornos, o afeto e etc. Essas seriam maneiras de abrir os olhos dos pais, de modo que pudessem verificar se a forma como vem tratando o filho tem tido influência nos seus resultados escolares.

O processo de conhecimento e aceitação pelos pais pode ser uma mola propulsora para venham a trabalhar juntos com a escola, agindo como impulsionadores dos processos de aprendizagem. Mas o trabalho não seria bom se a escola também não mudar a cultura de isolar o aluno com deficiência. Dessen e Polônia (2007) utilizando as análises de Carneiro (2003) indicam que se deve mudar o paradigma vigente da escola para uma cultura de aceitação e de acolhimento do outro que é diferente. Sendo assim, é necessário que a escola faça valer o que consta no seu projeto político-pedagógico, pois dependendo do comprometimento da escola pode-se obter resultados mais interessantes do ponto de vista da inclusão escolar.

Carvalho (2013) compartilhando do pensamento vigotskiano de que é necessário compreender os sintomas que se constituem durante o desenvolvimento, se configuram e se relacionam, a autora enfatiza que “é preciso

privilegiar o desenvolvimento da pessoa e não os processos patológicos que constituem sua base primária (fatores biológicos)”. Isso significa que se deve privilegiar os fatores socioculturais, pois se a criança encontra dificuldades num determinado meio a complexidade do funcionamento ganha forma no processo de desenvolvimento intelectual.

Diante dessas exposições dizemos que se a criança for vista pela escola e pela família apenas como deficiente, incapaz de se desenvolver, maior dificuldade terá em se desvencilhar das complicações secundárias (fatores socioculturais), tanto maior será o desafio para enfrentar suas limitações para aprender.

### 3. O SIGNIFICADO DE DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

#### 3.1. Introdução

A dificuldade de aprendizagem não possui uma definição exata, haja vista que a mesma ocorre de formas totalmente diferentes, de pessoa para pessoa, porém há vários estudos na área que ajudam na compreensão do assunto. De acordo com Correia e Martins (2005) citados por Mazer, Bello e Bazon (2009, p.9) “Numa perspectiva educacional, as dificuldades de aprendizagem refletem uma incapacidade ou impedimento para a aprendizagem da leitura, escrita ou cálculo ou para a aquisição de aptidões sociais.” Logo, essas são as principais características da D.A (Dificuldade de aprendizagem).

Agora para Machado (1992) a partir literaturas relacionada ao assunto, foi possível analisar que a D.A tem como base dois pressupostos sendo um a dificuldade para aprender mesmo quando não há um retardo e se tem a oportunidade de estar na escola, além de ser livre de desordens acentuadas, portanto aqui a causa é devido a um desprovimento em processos biológicos que estão associados a compreensão e utilização da linguagem e das habilidades. E o outro seria que os déficits no processamento de informações estão relacionados a fatores biológicos-genéticos ou constitucionais. CID-10 (1993, p. 228), complementa dizendo que:

“o início do transtorno deve ocorrer invariavelmente no decorrer da infância; um comprometimento ou atraso no desenvolvimento de funções que são fortemente relacionadas à maturação biológica do sistema nervoso central; e, por fim, um curso estável que não envolve remissões (desaparecimentos) e recaídas, que tendem a ser características de muitos transtornos mentais. (LEAL E NOGUEIRA, 2011, p. 69)

Logo, pode-se reafirmar que a D.A ocorre por vários fatores, tanto internos quando associado a causas biológicas, como o externos relacionado as vivências do indivíduo e como ele é atravessado por emoções e atitudes que tornam o que ele é. Nessa pesquisa é possível perceber há a presença de ambos fatores isolados e até mesmo associados.

### 3.2. Dislexia

Abordamos neste tópico algumas inserções a respeito do conceito de dislexia, por ter observado durante a pesquisa com os alunos A e B que ambos apresentavam algumas características de dislexia quando comparamos a dificuldade de aprendizagem dos alunos no que vimos e o que lemos na literatura.

Segundo Leal e Nogueira (2011) a palavra dislexia é de origem grega e vem de “dis” que tem como significado “distúrbio ou “disfunção”, e de “lexi” que significa “palavra”; Logo, a dislexia vem a ser um elevado comprometimento no momento em que o aluno deveria fazer o reconhecimento e a compreensão de palavras escritas.

A priori a dislexia foi tratada como uma cegueira verbal, e passou a ser estudada, a partir dos estudos dos casos de crianças com sérias dificuldades de aprendizagem, por Hinshelwood e Morgane, oftalmologista, que se baseavam em explicações que demonstrava que o cérebro possuía divisões, onde as mesmas correspondiam a diferentes tipos de memórias. No período entre os anos de 1915 a 1940, um neuropsiquiatra “defendeu que a dificuldade de ler aconteceu como uma disfunção cerebral de origem congênita” onde a mesma ocorre quando a criança não possui uma dominância hemisférica correta. (HOUTE; ESTIENNE, 2001, apud (LEAL; NOGUEIRA, 2011).

De acordo com Rodrigues e Ciasca (2016) “A dislexia é um transtorno específico de aprendizagem, de origem neurológica. Acomete pessoas de todas as origens e nível intelectual e caracteriza-se por dificuldade na precisão (e/ou fluência) no reconhecimento de palavras e baixa capacidade de decodificação e de soletração.”

Logo esta dificuldade está associada diretamente com a área da linguagem, onde as principais características da dificuldade são perceptíveis na leitura e na escrita. Portanto, esse aluno apresenta dificuldade em compreender os textos, o que pode desmotivá-lo, interrompendo esse processo, e deixando-o num nível raso quanto a vocabulário, interpretação, imaginário, entre outros conhecimentos.

Sendo assim, podemos dizer que a dislexia se caracteriza por uma perturbação no processo de aquisição da leitura e da escrita, que para Pinheiro

(2009) é classificada em dislexia adquirida e dislexia de desenvolvimento, e que a autora atribui ao grupo de dificuldades específicas, haja vista que a mesma está associada a fatores cognitivos e neurológicos. Já as dificuldades gerais

“Resultam de factores externos ao indivíduo, como são exemplo a deficiência visual e/ou situações adversas à aprendizagem normal, tais como: más condições do edifício escolar, organização deficitária, ausência e abandono escolar, instabilidade familiar, meio sócio-económico e cultural desfavorecido, bem como a ocorrência de uma ou mais deficiências” (PINHEIRO, 2009, p. 52)

A dislexia adquirida é uma perturbação causada por lesões cerebrais que atingem os mecanismo de leitura e escrita que funcionavam normalmente. Para Lopes (2005, p. 218)

“o sujeito que havia aprendido a ler e escrever corretamente, após lesão ou trauma, não o consegue fazer sem dar erros. Neste caso, existem estudos que evidenciam diferentes tipos de dislexias (daí o plural), tendo por base, não só o local da lesão, mas também os diferentes tipos de erros que os sujeitos cometem” (apud PINHEIRO 2009, p. 53).

Já a dislexia de desenvolvimento, que a autora também chama de dislexia evolutiva, não se sabe ao certo como procede, pois, a mesma é percebida logo no início da aprendizagem ao notar-se que o aluno tem dificuldades na aquisição da leitura e da escrita, sem que haja uma explicação.

As características da dislexia são perceptíveis quando os pais e professores tem conhecimento e sabem que há possibilidades de qualquer criança a possuir. Logo, com esse conhecimento é possível que os mesmos a notem rapidamente, possibilitando uma intervenção rápida, visto que quanto mais cedo se percebe a dificuldade, mais tempo há para que se trabalhe o desenvolvimento da criança utilizando metodologias eficazes voltadas para sua dificuldade.

#### 4. METODOLOGIA DO TRABALHO

O trabalho foi primeiramente realizado com o estudo teórico sobre o tema, que permitiu buscar fundamentos ou bases para o desenvolvimento da pesquisa na internet em artigos, periódicos e em livros. A pesquisa possui caráter qualitativo, tendo como instrumento de pesquisa a observação participante e acompanhamento para identificar as diferenças no desempenho dos alunos com relação à participação ou não das famílias.

**O local da pesquisa** foi uma escola estadual na cidade de Belém, no período de agosto a dezembro de 2018, em 10 horas semanais, em um bairro da periferia em uma turma do 3º ano com 28 alunos no total. Foram observados dois alunos da turma que apresentavam dificuldades de aprendizagem (informações dadas pelo serviço pedagógico da escola e pela professora regente da turma). Neste texto receberão a identificação de aluno A e aluno B.

**O método de pesquisa** utilizado foi a observação participante, onde foi possível ter um melhor conhecimento dos alunos pesquisados, suas diferenças sociais entre seus colegas de turma e diferenças intelectuais.

O método da Observação Participante é especialmente apropriado para estudos exploratórios, estudos descritivos e estudos que visam a generalização de teorias interpretativas. Habitualmente recorre-se à Observação Participante com o propósito de elaborar, após cada sessão de observação, descrições “qualitativas”, de tipo “narrativo” (i.e., sem recorrer a grelhas de observação standardizadas), que permitem obter informação relevante para a investigação em causa (exemplificando, formulação de hipóteses de investigação, auxílio à elaboração ou adaptação de teorias explanatórias, concepção de escalas de medida dos constructos em análise). (MÓNICO et al, 2017, p. 726).

Esse instrumento de pesquisa proporciona ao pesquisador a oportunidade de ajudar o campo pesquisado em suas visitas e participações contribuindo com a melhoria do espaço. Para obtenção dos dados foram utilizadas fotografias, registros diários, portfólio de avaliação da pesquisa. A análise dos dados foi realizada com o método da narrativa descritiva-analítica.

**A análises da pesquisa** se destina ao comportamento e desempenho dos alunos diante do contexto familiar a partir de relatos da professora do AEE, e do contexto educacional a partir das atividades realizadas em sala. Além de ser analisada a relação entre a família e a escola através da observação.

Embora os alunos investigados tenham a mesma dificuldade, estes reagem de maneiras divergentes dentro da sala de aula, tanto nas atividades realizadas em classe quanto no próprio relacionamento dentro da turma.

Durante as observações foi possível perceber que os alunos A e B tinham dificuldades na leitura e na escrita, logo procuramos informações com a professora da turma, porém a mesma não tinha muito conhecimento sobre os referidos alunos, e considerava ser preguiça as atitudes dos mesmos diante das atividades que eram propostas por ela. Por conta disso, procuramos os profissionais da sala de AEE para informações mais precisas.

Com os professores do AEE foi possível conhecer mais a história dos alunos pesquisados e o que atravessava seu processo de aprendizagem. Os professores nos informaram que após apresentarem dificuldades de aprendizagens, ambos alunos passaram a participar do AEE e os professores identificaram neles a dislexia.

Para melhor compreensão das distinções dos alunos, pontuarei as análises em dois contextos: familiar e educacional.

### **Sobre o Contexto familiar dos alunos**

Os profissionais que mais repassaram informações sobre os alunos foram os professores responsáveis pela sala do AEE, pois eram os que mais tinham contato com os familiares e os alunos.

Sobre o **Aluno A** foi repassado que o mesmo não tinha uma boa relação com sua mãe, pois ela o rejeitava desde o nascimento, visto que ele foi gerado após um estupro. Desde o nascimento ele foi criado pela avó, no interior, porém a mesma não tinha mais condições físicas de mantê-lo e ele precisou vir morar na cidade com a mãe. Embora passado muito tempo, a mãe continuou a rejeitá-lo. Atualmente mora com a mãe e o padrasto. Para a professora do AEE, toda essa situação levou o aluno A se sentir desmotivado, sem objetivos para crescer na vida.

Diferente do **Aluno B** que tem uma família atenciosa, e que busca o melhor para ele. Atualmente esse aluno mora com o pai, mãe e irmão. E desde pequeno quando foi percebida essa dificuldade os pais procuraram conhecê-la para assim verificar quais atitudes deveriam ser tomadas. Logo, foi procurado apoio psicológico e escolar, então aluno participa com frequência do AEE, e faz o acompanhamento psicopedagógico fora da escola para que assim possa ser feita a análise do seu desenvolvimento.

### **Características dos sujeitos da pesquisa**

O **Aluno A**, tinha 8 anos e apresentava um comportamento interpessoal bom com relação a outras crianças, porém diante de pessoas mais velhas ele se fechava e evitava o contato. Por conta disso houve uma dificuldade de aproximação, pois quando sugeríamos uma ajuda na sua tarefa o mesmo negava.

Diferente do **Aluno B** 8 anos, era carinhoso e tinham um bom contato com os alunos e com a professora, e com os estagiários da sala, também. Com essa característica facilitava a nossa proximidade com o aluno e este buscava ajuda, tirava dúvidas e se comunicava.

## 5. ANÁLISES DOS RESULTADOS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

### 5.1 Observações dos sujeitos da pesquisa

Em sala de aula os alunos A e B não possuíam nenhum tipo de adaptação ou metodologia diferenciada, notamos isso apenas no AEE quando nos seus respectivos horários A e B eram atendidos. Foi possível perceber também que a professora regente tinha pouco conhecimento sobre o assunto inclusão, visto que na turma tinha outros alunos com atipicidades, como por exemplo a síndrome do mutismo<sup>1</sup>, e a professora não sabia como lidar. A despeito dessa situação, vale ressaltar que “nesse processo, os elementos culturais tornam-se parte das aquisições da pessoa, de sua transformação/desenvolvimento, definindo a qualidade de sua relação com o mundo e consigo mesma” (CARVALHO, 2013, p. 216). Sendo assim, é fundamental que também a professora se visse parte desse processo de inclusão para que entendesse o seu papel diante das complexidades da sala de aula.

A partir disso, apresentamos somente o que se relaciona com os sujeitos pesquisados que apresentavam alto grau de dificuldade na aprendizagem, descrevendo as distinções dos alunos A e B. Na sala de aula ambos os alunos tinham comportamentos bem diferentes.

A família do aluno A não aparecia na escola e as atividades de dever de casa voltavam do mesmo jeito. O aluno também era faltoso na escola. Notamos que a dificuldade deste aluno era muito grande para ler e escrever e interpretar. Para realizar atividade precisava da ajuda dos colegas que lessem para ele, mesmo assim, pouco ou nada entendia o comando ou o que responder.

No momento das atividades em matemática o aluno B também se destacava, e como sua família era bem participativa e conhecia as suas dificuldades, procuraram formas de contornar essa situação. Fora da escola ele tinha aulas particulares e um acompanhamento dos pais nas atividades de casa para que fosse possível impulsionar seu desenvolvimento. Diante disso, como resultado tínhamos

---

<sup>1</sup> O **mutismo seletivo** é considerado por muitos estudiosos como uma disfunção, responsável pelo aspecto da falta de comunicação por parte da criança. (BRITES, 2018)

um aluno (B) que apresentava um desempenho melhor que o outro (A), mas apesar de todo o suporte, ainda assim, esse aluno carecia de uma tenção em sala de aula, pois sua dificuldade estava também ligada a compreensão dos comandos.

## **5.2. A experiência de regência docente**

No estágio supervisionado fui orientada para planejar e ministrar uma aula para a turma dos alunos A e B com a participação e aval da professora regente. O tema foi interpretação compreensão e de textos. Para tanto foi utilizada a letra da música Xote Ecológico. E, como na turma tinha vários alunos que ainda não sabiam ler, pedimos que eles formassem pequenos grupos para que pudessem se ajudar.

As contribuições de Vigotsky citadas por Carvalho (2013) nos faz entender que o processo de interação entre os alunos que sabem mais com os que sabem menos pode favorecer o desenvolvimento da aprendizagem. Portanto, colocar os alunos em pequenos grupos para ler e interpretar o texto ajudaria aquele com maior dificuldade a compreender ou aprender o assunto que se passava naquele dia na sala de aula.

Dentre as atividades da aula os alunos precisavam responder algumas perguntas sobre a música Xote ecológico, e na sequência fazer um desenho sobre o que a música queria repassar. Os resultados das atividades dos alunos são apresentados nas figuras 1 e 2.

A partir da figura 1 podemos ver que o aluno A teve muita dificuldade em escrever suas respostas. E como estavam em grupo, vimos que o mesmo respondia da mesma forma que os outros colegas, eles ditavam e o aluno escrevia da forma que estava ouvindo, por isso tinha algumas repetições e erros.

Ele (o aluno) demorou bastante para realizar a atividade, e não conseguiu concluir no tempo estabelecido pela professora. Em decorrência disso, o aluno não conseguiu realizar a segunda atividade. Mais uma vez nossa percepção sobre a dislexia se mantinha.

**ALUNO A:****Figura 1 – Atividade Aluno A (sem atenção da família)**

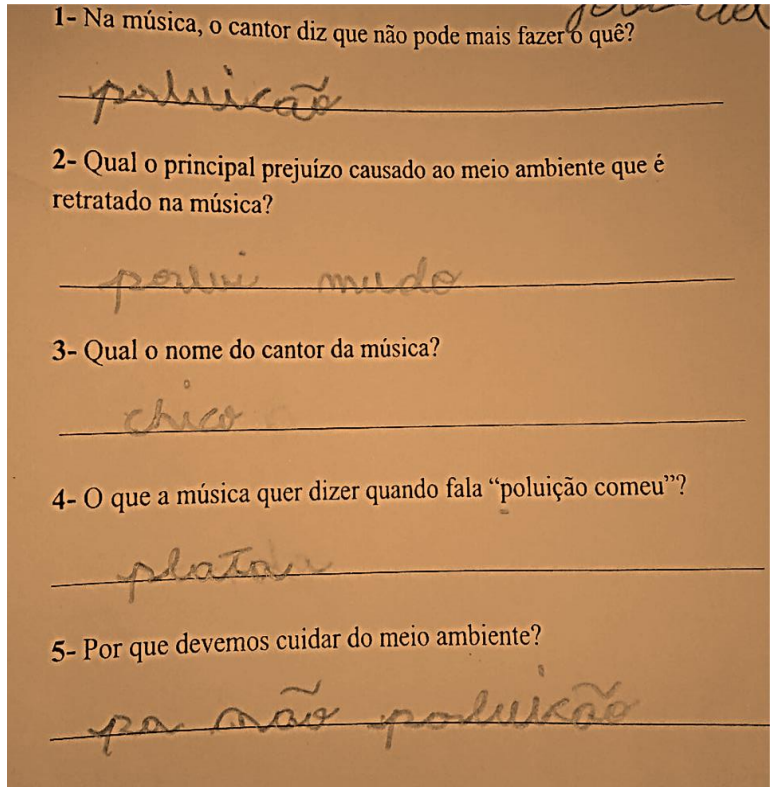
<p>1- Na música, o cantor diz que não pode mais fazer o quê?</p> <p><del>Não</del> <u>vai</u> <u>passar</u> <u>respirar</u> <u>não</u> <u>posso</u> <u>mais</u> <u>nadar</u></p> <p>2- Qual o principal prejuízo causado ao meio ambiente que é retratado na música?</p> <p><u>Poluição</u></p> <p>3- Qual o nome do cantor da música?</p> <p><u>Luiz Gonzaga</u></p> <p>4- O que a música quer dizer quando fala “poluição comeu”?</p> <p>_____</p> <p>5- Por que devemos cuidar do meio ambiente?</p> <p>_____</p>	<p>1 – Não posso respirar, não posso mais nadar.</p> <p>2 – Poluição</p> <p>3 – Luiz Gonzaga</p>
--	--

Fonte: Gomes (2018)

À vista disso, de acordo com Coelho (2019) percebemos que o aluno A apresenta as características da dislexia, associadas a leitura/escrita, pois o mesmo demonstra ter grande dificuldade em sua consciência fonológica, logo não reconhecendo que as palavras faladas ou escritas possuem fonemas. Sendo assim, as vezes o aluno confunde sílabas, palavras e letras, através de substituição ou inversão, além de ter implicações no momento da escrita pessoal, pois percebe-se dificuldades na organização daquilo se vai escrever.

Na figura 2, o aluno B demonstra que conseguiu compreender o que se pedia, e foi direto nas suas respostas. Porém, o aluno apresenta algumas dificuldades com relação as palavras, pois consegue escrever, mas esquece de algumas letras.

**ALUNO B:****Figura 2 – Atividade Aluno B (que tem a atenção da família)**

 <p>1- Na música, o cantor diz que não pode mais fazer o quê? <u>poluição</u></p> <p>2- Qual o principal prejuízo causado ao meio ambiente que é retratado na música? <u>polui muito</u></p> <p>3- Qual o nome do cantor da música? <u>chico</u></p> <p>4- O que a música quer dizer quando fala “poluição comeu”? <u>plata</u></p> <p>5- Por que devemos cuidar do meio ambiente? <u>pa não poluição</u></p>	<p>1 – Poluição</p> <p>2- Poluir o mundo</p> <p>3 - Chico</p> <p>4 – Planta</p> <p>5 – Para não ter poluição.</p>
--	---

Fonte: Gomes (2018)

O aluno B apresentado na figura 2, mostra comprometimento na escrita associado às características da dislexia, visto que de acordo com Coelho (2019) “na escrita espontânea (composições/redações) mostram severas complicações (dificuldades na composição e organização de ideias”.

Percebemos também que o aluno B realizou a atividade sozinho, pois dentre todas as respostas recolhidas, ele foi o único que trouxe “Chico” como nome do autor, sendo que a resposta seria “Luiz Gonzaga”. Logo, ele novamente está correspondendo às características citadas por Coelho (2019), pois consta que o aluno disléxico apresenta problemas na compreensão e interpretação de textos.

A atividade 3 foi solicitada aos alunos que desenhasse o que a música retratava.

**Figura 3 – Atividade 2 Aluno B**

Fonte: Gomes (2018)

A figura 3, representa a segunda atividade do aluno B onde podemos ver outra característica descrita para dislexia, pois na atividade foi solicitado que os alunos fizessem um desenho sobre a temática retratada na música, porém ele apenas selecionou algo que foi citado na música (o peixe) e a desenhou. Diante disso, novamente entendemos que ele apresenta problemas na compreensão da semântica, conseqüentemente há dificuldade de interpretar textos, no caso, enunciados, muito característico da dislexia.

De acordo com Rodrigues e Ciasca (2016) a pessoa com dislexia apresenta dificuldade no reconhecimento de palavras e baixa capacidade de decodificação e de soletração como também não entende as palavras pronunciadas pelo outro.

### **5.3 Análise sobre a relação família e escola**

No tempo em que a pesquisa se realizava na escola, observamos muitas coisas, por exemplo as atitudes dos professores, e dos outros profissionais da escola, entre essas coisas foi possível observar também a baixa participação dos pais na escola.

A maioria dos pais e responsáveis não procuravam a instituição para saber sobre o desenvolvimento do aluno, apenas compareciam para buscá-los. Sendo assim, demonstram desinteresse no progresso do aluno.

A escola também, dentro desse período não desenvolveu nenhum tipo de palestra, reuniões ou encontros que pudessem ser discutidos junto aos professores ou a família assuntos como a influência de sua participação, ou sobre o conhecimento de algumas dificuldades de aprendizagens entre outros temas.

Portanto, é importante que a escola, a família e o aluno estejam aptos a trabalhar em conjunto, pois a escola e a família são as instituições das mais importantes para impulsionar o desenvolvimento do aluno, especialmente aqueles que apresentam dificuldades na aprendizagem. Sendo assim, a escola precisa desenvolver estratégias para alcançar as famílias, tais como a utilização de um mural de avisos, onde seja exposto folders, *flyers*, panfletos, bilhetes para convidar a vir à escola para dar feedback do aluno entre outros modos de aproximação.

Pensamos que a organização de palestras onde possam ser discutidos a importância da sua participação nos processos de aprendizagem, seriam boas estratégias para apresentar dicas de como interferir nesse processo. Também é importante que a escola esteja organizando metodologias de discussão para a apresentação das dificuldades de aprendizagem e de outras temáticas relacionadas ao desenvolvimento do aluno.

Pois, como vimos, as barreiras da dificuldade de aprendizagem foram quebradas a partir do momento em que os pais do aluno B compreenderam-nas e buscaram formas de intervir nesse processo. Diante das descobertas dos problemas com o filho, a família procurou meios de impulsionar a aprendizagem do aluno, sendo um comprometimento para diminuir ou compreender a dificuldade da aprendizagem que o aluno enfrenta na escola.

Diferente do aluno A este contava somente com o apoio do AEE, uma vez que nem a família e nem a professora regente estavam dispostos e aptos a colaborar com o seu desenvolvimento escolar ou pelo menos entender as limitações que se passavam com o mesmo, a fim de intermediar a interação social e alcançar níveis superiores de desenvolvimento. Pois, de acordo com Polonia e Dessen (2005, p.

305) “A família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsores ou inibidores do seu crescimento físico, intelectual e social”.

Tal análise corrobora com os estudos de Vigostsky citado por Pletsch (2013, p.255):

O uso da mediação para impulsionar a ZDP é o aspecto primordial da educação escolar, pois implica: a) a transformação de um processo interpessoal (social) num processo intrapessoal (individual); b) os estágios de internalização dos conhecimentos – reconstrução interna, intersubjetiva, de uma operação externa com objetos de interação; c) o papel da mediação dos “mais experientes”, que podem ser os professores ou os colegas.

Diante disso, compreende-se que as diferenças encontradas entre os alunos A e B tem fundamentos nas discussões sobre dificuldades de aprendizagem e processos de inclusão. Essas análises são resultados de um envolvimento e um interesse sobre o tema, associados à convivência com os alunos e o trabalho conjunto de profissionais do AEE e a família em que se reconhece o seu papel importante na vida escolar da criança.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do atual cenário da educação com relação à pessoa com deficiência, é possível observar que muita coisa mudou desde as sociedades antigas. Logo, estas mudanças são em decorrência de leis que dão suporte para que a pessoa com deficiência viva em sociedade de forma igualitária, onde suas limitações são reconhecidas e respeitadas. Porém, esse não é um caso totalmente resolvido, pois a sociedade atual ainda é carregada de preconceitos, apesar de trabalhar formas de melhorar esse quadro, gradativamente.

A sociedade ainda está passando por um processo de aceitação das possibilidades de desenvolvimento das pessoas com dificuldades de aprendizagem ou com transtorno global do desenvolvimento. Porém, frequentemente, as maiores dificuldades de aceitação do aluno com deficiência vem dos familiares que acabam gerando um descuido, entregando-os à escola e na escola ainda encontramos professores despreparados para lidar com tais problemas.

À vista disso, o tema aqui discutido se faz muito importante pois é visível o número de responsáveis que preferem se abster da educação do aluno diante de dificuldades, do que “perder” seu tempo com algo que pode não ter o fim desejável no planejamento que seriam “notas azuis” ao invés de avaliar o processo da aprendizagem do aluno. Como a díade família-escola não podem estar separadas, entendemos que pesquisar as implicações da família no processo de aprendizagem do aluno merece um aprofundamento nas discussões.

Diante desse argumento, este trabalho se faz relevante para que contribua com novas pesquisas na área, servindo como base para estudos futuros, dando continuidade em novas perspectivas do tema. Consideramos temas como este relevante para a sociedade, visto que família e escola vem passando por processos de mudanças, visando o respeito e a integração da pessoa com deficiência.

Além disso, mergulhar nessa discussão veio contribuir para avaliar a formação acadêmica e profissional, posto que a inclusão escolar de pessoas com dificuldades de aprendizagem é um ponto consideravelmente importante, onde se deve buscar novas alternativas e novas metodologias, que podem ser adaptadas às necessidades particulares de alguns.

Sendo assim, a partir das observações e análises dos alunos e dos contextos sociais nos quais estão inseridos, é possível destacar que a escola embora tenha atendido a legislação da educação especial e da política de inclusão e ainda gerado meios de receber e acolher os alunos, ainda há profissionais que não estão dispostos a se movimentar e a desenvolver a escolarização de pessoas com deficiência em sala. Durante esta pesquisa notamos que o discurso da escola deva ser escutado e a fala daqueles que são comprometidos (o AEE e alguns professores) com o desenvolvimento da aprendizagem devam ser sublinhadas. Na escola lócus da pesquisa conta com poucos recursos, no atendimento educacional especializado, mas trabalha para identificar e trabalhar em cima de dificuldades, eliminando as barreiras do desenvolvimento escolar.

Com relação a comparação entre os alunos A e B que apresentavam indícios de dislexia e dificuldades de aprendizagem, pode-se afirmar que a família tem um papel muito importante haja vista que o aluno necessita desse apoio na vida escolar e de outros profissionais para alcançar os objetivos da inclusão escolar.

Enfim, esta pesquisa retrata um pouco da realidade enfrentada por alunos com deficiência numa escola e dela emerge a urgente necessidade da família trabalhando de forma integrada, acompanhando e interferindo no processo de aprendizagem.

## 7. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (estatuto da pessoa com deficiência). Brasília, 2015. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm)>. Acesso em: 3 dez. 2020.

CARVALHO, Maria de Fatima. O aluno com deficiência intelectual. Na escola: ensino, aprendizagem e desenvolvimento humano. In: MELETTI, Sílvia Marcia Ferreira; KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães (Organizadoras.) Cap. 9. Campinas: SP: Mercado das Letras. 2013. Série Educação Geral, Educação superior e Formação continuada do educador.

COELHO, Diana Tereso. Dislexia, Disgrafia, Disortografia e Discalculia. In: COELHO, Diana Tereso. **Dificuldades de aprendizagens específicas**. 04. ed. Porto: Areal Editores, 2019. p. 1-224.

BRITES, Clay. **Mutismo Seletivo**: entenda o que é e como tratar. 2018. Disponível em: <<https://neurosaber.com.br/mutismo-seletivo-entenda-o-que-e-e-como-tratar/>>. Acesso em: 13 jan. 2020.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola: relações família-escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, Brasília, v. 9, n. 2, p.303-312, out. 2005.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLÔNIA, Ana da Costa. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. **Psicologia Escolar e Educacional**, Distrito Federal, v. 17, n. 36, p.21-32, maio 2007.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLÔNIA, Ana da Costa. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, v.17, n.36, p.21-32. 2007. Disponível em [www.scielo.br/paideia](http://www.scielo.br/paideia).

GLAT, Rosana; FERNANDES, Edicléa Mascarenhas. **Da Educação Segregada à Educação Inclusiva: uma Breve Reflexão sobre os Paradigmas Educacionais no Contexto da Educação Especial Brasileira**. Revista da Educação Especial, Brasília, v. 1, n. 1, p.35-39, out. 2005.

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. **Dificuldades na aquisição da língua portuguesa escrita no ensino fundamental:** Dislexia; Disgrafia; Discalculia; Disortografia. 2. ed. São Paulo: Ciranda Cultural, 2012. 66 p.

LEAL, Daniele; NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes. **Transtornos funcionais específicos da aprendizagem:** disgrafia, disortografia, dislexia e discalculia. In: LEAL, Daniele; NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes. Dificuldades de aprendizagem: um olhar psicopedagógico. Curitiba: Ibpex, 2011. p. 67-88

MÓNICO, Lisete S., ALFEERES, Valentim R., CASTRO, Paulo A.

OLIVEIRA, Maria Marly de. Conhecendo alguns tipos de pesquisa. In: OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. Cap. 3. p. 64-75.

OLIVEIRA, Maria Marly de. Instrumentos de pesquisa. In: OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. Cap. 4. p. 78-90.

PANIAGUA, Gema et al. As famílias de crianças com necessidades educativas especiais. In: COLL, César et al (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação:** Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. Cap. 17. p. 330-346. Tradução: Fátima Murad.

PARREIRA, Pedro M. Parreira. A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. Atas CIAIQ2017. Investigação Qualitativa em Ciências Sociais//Investigación Cualitativa en Ciencias Sociales//Volume 3. 6º Congresso Iberoamericano de Investigación Cualitativa

PINHEIRO, Sônia Maria dos Santos Leite Ruão. **Dificuldades específicas da aprendizagem:** a dislexia. 2009. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Especial, Ciências da Educação e do Patrimônio, Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto, 2009.

PLETSCH, Márcia Denise. A escolarização do aluno com deficiência intelectual... apesar do diagnóstico. In: In: MELETTI, Sílvia Marcia Ferreira; KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães (Organizadoras.) Cap. 10. Campinas: SP: Mercado das Letras. 2013. Série Educação Geral, Educação superior e Formação continuada do educador.

POLONIA, Ana da Costa; DESSEN, Maria Auxiliadora. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola: relações família-escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, Brasília, v. 9, n. 2, p.303-312, out. 2005.

RODRIGUES, Sônia das Dores; CIASCA, Sylvia Maria. Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção. **Psicopedagogia**, Campinas, p.86-97, nov. 2016.